

A MORTE É NOTÍCIA NO JORNAL NACIONAL

Michele Negrini¹

RESUMO:

A morte é uma temática permeada por complexidades e as significações que assume para os homens são distintas. Desta forma, a manifestação da finitude humana no espaço televisivo oferece uma riqueza de possibilidades para investigações acadêmicas. O objetivo deste estudo é fazer uma reflexão sobre a cobertura do Jornal Nacional ao desfecho do sequestro de Santo André, São Paulo, que resultou na morte da adolescente Eloá Pimentel. Como objeto, analisamos as edições do JN que foram ao ar no período de 20 a 25 de outubro de 2008. Tomamos como suporte metodológico a Análise do Discurso de Linha Francesa.

Palavras-Chave: *Morte; Telejornalismo; Jornal Nacional; Espetacularização; Produção de Sentidos.*

INTRODUÇÃO

A morte é um elemento estrutural para o entendimento do homem, pois o ser humano só se reconhece a partir da aceitação de sua finitude. A vida está estreitamente ligada à significação que se atribui à morte. A consciência da própria finitude é constitutiva do ser humano. A concepção que o homem tem sobre a vida e sobre a morte fazem parte de um único comportamento fundamental. Com o reconhecimento da morte, a vida se torna mais plena, a consciência do fim embasa um olhar diferenciado sobre o presente, dando forma à vida. A adaptação à ideia de morte oferece bases para a vivência. Mesmo que algumas pessoas visualizem a morte como algo sombrio, que seja sinônimo de trevas, a morte está intimamente ligada à vida (SIMMEL, 1998).

O homem precisa ser entendido na sua totalidade. E é na totalidade do ser que a morte deve ser analisada. A morte não pode ser vista desvinculada de um contexto de vida e como um acontecimento isolado (NODARI, 2007). A morte é um eixo norteador das culturas ao longo da história. Segundo Castells (1999), o tempo na sociedade e na vida é medido pela morte. É ela que estabelece o tempo cronológico da vida do homem.

A relação que os seres humanos têm com a ideia de sua finitude é indispensável para que toda a sua vivência seja delineada e é fundamental para que todas as outras determinações da vivência sejam articuladas (DASTUR, 2002). A morte é fundadora para o viver. É ela que faz com que vida tenha sentido. Ter consciência da morte é o principal fator que diferencia o ser humano dos outros animais e que o caracteriza como tal (RODRIGUES, 1983).

A morte é encarada diferentemente, de acordo com os pontos de vista das sociedades onde ocorre e dos indivíduos que a presenciam. Rodrigues (1983) salienta a importância da morte para o desenvolvimento da história de determinadas culturas:

Seja do ponto de vista dos seus estilos particulares de acontecer aos indivíduos, seja do ponto de vista de sua rejeição pelas práticas e crenças, seja sob o ângulo de sua apropriação pelos sistemas de poder, a morte é um produto da história. Ao mesmo tempo, a história, tanto quanto produto da vida dos homens em sociedade, é resultado da morte deles. As sociedades se reproduzem porque seus membros morrem (RODRIGUES, 1983, p. 115).

¹ Jornalista; mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul; doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Docente da Universidade Federal de Pelotas. Membro do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTELE). Email: mmnegrini@yahoo.com.br

É traço marcante da cultura ocidental atual a característica da conservação da vida e de banimento da morte. Tais sociedades priorizam apagar a ideia de que o homem possa ser mortal, de que ele tenha fim, e preferem sempre exaltar a permanência da vivência. Rodrigues (1983) ressalta que esta reafirmação insistente da a-mortalidade do homem, por parte destas sociedades, na verdade, ocasiona a criação da morte verdadeira, da morte profunda. Para o autor, é pela negação da finitude do homem que a cultura ocidental criou e enraizou a morte.

Ariés (2003) salienta que a morte, que foi tão presente no cotidiano das sociedades medievais, passa a ser um fenômeno interdito nas sociedades ocidentais atuais. Mas, as sociedades ocidentais atuais, apesar de consideradas “negadoras” da morte, contemplam amplamente a temática da finitude humana na cena midiática. De acordo com o pensamento de Castells (1999), é tendência predominante do ocidente o apagamento da morte do convívio social e fazer com que ela se torne inexpressiva pela sua repetição na cena midiática – sempre na forma da morte do outro. O homem contempla a morte do outro nos meios de comunicação e se distancia da sua própria morte. A sua própria morte acaba ficando no campo do inesperado.

Barbosa (2004) salienta que a televisão, nas suas transmissões cotidianas, constrói duas perspectivas de mortos: o morto comum, que é objeto da violência corriqueira, e o morto notável, que teve a sua vida dotada de atos evidentes. A morte de alguém comum, para ganhar espaço midiático, tem que ser uma morte fortuita, uma ruptura, que tenha aspectos que possam tocar na intimidade do ser humano.

Segundo Barbosa, são as mortes de pessoas notáveis que aparecem como objetos das cerimônias da televisão. É destacada como espetáculo midiático a trajetória do morto quando era vivo, sendo mostrada como algo exemplar, que merece ser lembrada e cultuada. É característica do discurso midiático o enaltecimento das características “positivas” do grande morto, a ponto de torná-lo um herói diante do público, o que pode causar identificação.

Para Mouillaud (2002), diferentes locais são atribuídos à morte no cenário do jornalismo. O autor salienta que há distintos tipos de mortos nas páginas dos jornais impresso, como: os mortos de serviço, que compõem a necrologia; os mortos acidentais; os mortos dos conflitos, das guerras e das revoluções, que passam a fazer parte da história; e o Grande Morto, que se destaca pelo seu nome, pela sua fama. Neste estudo, estamos focados na cobertura do jornalismo televisivo, especificamente do Jornal Nacional, ao desfecho do sequestro de Santo André, interior de São Paulo, ocasião em Lindemberg Alves, 22 anos, manteve a ex-namorada Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, como sua refém por mais de 100 horas. O final do episódio resultou na morte de Eloá, no dia 18 de outubro de 2008, depois de ter sido alvejada por Lindemberg.

A morte no telejornalismo

Na atualidade, a televisão (especialmente o telejornalismo) tem se mostrado como um espaço de visibilidade para a temática da morte. O exacerbado destaque dado à finitude humana nos telejornais dá respaldo para discussões acerca da sua espetacularização.

Berger (2002) salienta que a estranheza que pode ser verificada na mídia gira em torno da espetacularização, da banalização, da saturação e da constatação de que a informação não é unicamente uma tradução do mundo e uma circulação de acontecimentos, mas que ela publiciza o real desejado. “Assim, não só o acontecimento cria a notícia, como se estruturou o pensamento sobre a natureza da imprensa, como a notícia cria o acontecimento”

(BERGER, 2002, p. 280). Para a autora, assistimos a eventos que são produzidos com o intuito específico de se tornarem notícias, ou seja, são delineados com um enredo espetacular para poder ter espaço na mídia.

A partir das observações da autora, acerca da presença do espetacular nos meios de comunicação, é coerente ressaltar que mesmo que a mídia dê visibilidade à finitude humana, trazendo para o cotidiano um assunto muitas vezes interdito, a morte que tem espaço nos meios de comunicação é uma morte excepcional, que choca, que envolve determinadas situações de catástrofe ou pessoas famosas. É uma morte espetacularizada, dotada de detalhes que podem chamar a atenção do público.

No cotidiano ocorrem diversas mortes, mas para estarem entre as notícias que farão parte do telejornal da noite ou do impresso do dia seguinte, precisam ter “um detalhe a mais”, que possibilite que sejam consideradas acontecimentos jornalísticos². Por isso, não é todo tipo de morte que ganha espaço na pauta midiática. Grandes mortes, de foco espetacular, mortes violentas e mortes acidentais têm destaque nos meios de comunicação. Pode-se exemplificar com a cobertura à morte do cantor Michael Jackson. Neste caso, a mídia esteve bastante presente e ressaltou detalhes íntimos do fato ao público. Foram feitas especulações sobre destino da herança do astro musical; sobre quem ficaria com a guarda dos filhos; discussões sobre problemas internos na família Jackson; sobre a sexualidade do cantor morto; sobre a sua relação com suas ex-mulheres. Enfim, questões da vida privada da família tiveram visibilidade e serviram como roteiro para um grande espetáculo midiático.

A morte e a violência estão entre as temáticas que têm bastante evidência no espaço televisivo e que chamam a atenção do público; que têm destaque garantido na cena midiática, ganhando espaço em audiovisuais como filmes, telejornais, telenovelas e desenhos animados. Bucci (2004) faz uma comparação entre a cobertura televisiva do suicídio do secretário³ da fazenda da Pensilvânia, Budd Dwyer, ocorrido em 1987, e o assassinato, por parte de um policial, de um pedreiro⁴ de 23 anos, em São Paulo, em 1997. No primeiro caso, mesmo que o suicídio tenha ocorrido em frente às câmeras, o momento exato não foi levado ao ar pelos telejornais. Já no caso do pedreiro, que também teve o seu fim registrado pelas redes de TVs, o momento da morte foi ao ar diversas vezes.

Bucci (2004), ao analisar o motivo da diferença de tratamento entre as duas mortes pelas redes televisivas, esclarece que a resposta automática seria a de que o secretário é uma autoridade, merecedora de respeito, enquanto o pedreiro, como uma pessoa pobre, não precisaria de tanta consideração. O autor acrescenta uma segunda ideia, referindo-se aos dez anos que separam uma morte da outra:

Eu não quero descartar o raciocínio, mas tenho outro palpite, um pouco menos automático. Em primeiro lugar, é preciso ter em conta que ocorreu um relaxamento nos limites do jornalismo e do entretenimento mundial no que diz respeito à violência. A morte real tornou-se um recurso que requer menos cerimônia da parte dos programadores (BUCCI, 2004, p. 109).

2 Adriano Duarte Rodrigues (1993) define acontecimento jornalístico como tudo aquilo que irrompe a superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos que ocorrem no cotidiano. Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização” (RODRIGUES, 1993, p. 27). De acordo com o autor, o acontecimento é imprevisível e ocorre de forma acidental no decorrer do cotidiano.

3 O secretário, acusado de receber suborno, convocou uma coletiva para a imprensa para alegar inocência – ocasião em que sacou uma arma e atirou contra sua boca em frente às câmeras de TV (BUCCI, 2004).

4 O pedreiro sequestrou uma garotinha de dois anos de idade e a manteve como refém, pressionando uma faca contra o seu pescoço. O fato ocorreu no acostamento da rodovia D. Pedro I, a 70 quilômetros de São Paulo. Um dos policiais que tentava resolver o caso sacou uma arma e liquidou o sequestrador (BUCCI, 2004).

Reiterando a ideia de Bucci de que tem ocorrido uma flexibilização nos padrões dos “cerimoniais” de apresentação da finitude humana no espaço midiático, é pertinente salientar que a mídia televisiva tem dado acentuada visibilidade à temática da morte. Podem ser citados exemplos como os acidentes com os voos 447 da Air France e 3054 da TAM, a morte de Michael Jackson, e o sequestro na cidade de Santo André, que resultou na morte de Eloá Pimentel. Em todas essas situações, foram esmiuçados detalhes variados e espetaculares. Tais casos ficaram durante vários dias no ar e foram bastante explorados aos olhos dos espectadores. Assim, ao ligarmos a televisão, vamos ter possibilidades de presenciar a violência e a morte ilustradas de forma espetacular. Nas palavras de Bucci (2004, p. 109): “A morte é um clipe publicitário, um *must* telejornalístico”.

Produção de sentidos

A Análise do Discurso (AD) de perspectiva francesa, que surge especialmente a partir das sistematizações de Michel Pêcheux sobre conceitos fundadores de Mikhail Bakhtin e Michel Foucault, é uma linha de investigação que tem por objeto textos, que são ao mesmo tempo linguísticos e históricos. O discurso articula a língua com a história, sendo ele mesmo um “efeito de sentidos”. Estes sentidos já existiam antes do discurso e são enunciados em um momento específico, por determinados atores, em um dado momento histórico.

O texto como objeto de pesquisa implica que a Análise do Discurso seja vista como um quadro de referência com conceitos organizados, mas com uma metodologia aberta. É importante a observação do que os textos selecionados como objetos dizem e como eles dizem. A preocupação da AD vai além da interpretação para entender os sentidos de um texto: é necessário o entendimento dos modos como o discurso funciona, das lógicas que o movimentam, dos elementos que são repetidos e dos que são silenciados. Também é importante a observação de onde o discurso analisado tem lugar, que posições de sujeito são ocupadas, a forma de movimentação dos atores nas posições ideologicamente definidas, quem fala e que espaço ocupa.

A Análise do Discurso propõe implantação de diferentes formas de leitura e se dá entre a estabilidade e os equívocos (ORLANDI, 2001a). A AD não é só uma forma de leitura, mas um conjunto de possibilidades de reflexão:

O princípio dessas práticas de leitura consistiria em levar em conta a relação do que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando “escutar” a presença do não-dito no que é dito: presença produzida por uma ausência necessária. Como só uma parte do dizível é acessível ao sujeito – as diferentes posições dos sujeitos resultam de sua inscrição em diferentes regiões de sentidos (diferentes formações discursivas) – com esta escuta o analista poderá ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de “suas” palavras (ORLANDI, 2001a, p. 60).

Os sentidos de um texto variam conforme as estratégias postas em funcionamento na construção do discurso, a constituição dos sujeitos que falam e dos sujeitos que leem⁵, o meio em que o texto se materializa e as relações de poder envolvidas.

5 Considerando-se todo receptor, independentemente do veículo, como “leitor”, e a leitura como um ato de produção de sentidos.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação do sujeito com a língua, com a história, com os sentidos. Esta é a marca da subjetivação e, ao mesmo tempo, o traço da relação da língua com a exterioridade: não há discurso sem sujeito. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados. Pela língua, pelo processo que acabamos de descrever (ORLANDI, 2001b, p. 47).

A construção dos sentidos, portanto, está intimamente relacionada aos interlocutores do discurso. Os sentidos se dão de acordo com as posições ideológicas que estão em jogo no processo de produção das palavras.

A observação da reprodução de determinados sentidos, o que é característica da paráfrase, vai nos permitir delinear a análise das matérias sobre o caso Eloá Pimentel no Jornal Nacional.

Compreende-se a paráfrase como a repetição, ao longo de um texto, de um mesmo sentido. Diferentes formulações para um mesmo dizer caracterizam a paráfrase. Também podemos dizer que é paráfrase a constante repetição dos sentidos de um enunciado principal. Nos processos de paráfrase, em todo enunciado sempre há características que se mantêm (ORLANDI, 2001b). A paráfrase representa a retomada dos mesmos lugares do dizer. A tendência à constante repetição de sentidos, caracterizada pela paráfrase, pode levar à redundância.

O caso Eloá no JN

A intenção deste estudo é a discussão de uma temática complexa ao ser humano, que é a sua finitude, no contexto de uma de suas fontes de informações diárias: o telejornalismo.

O Jornal Nacional, da Rede Globo, possui um discurso que se configura com muita riqueza de detalhes e pode ser considerado um objeto com interessantes aspectos para análise. O programa tem ampla credibilidade entre o público brasileiro e tem o respaldo dos apresentadores, Patrícia Poeta e William Bonner, para apresentar temáticas polêmicas como a morte. No caso “Eloá”, que é o foco deste estudo, o JN relatou minuciosamente os principais detalhes do acontecimento. E a cobertura ao enterro foi digna do funeral de uma celebridade.

Como já falamos, a questão da repetição de sentidos no JN torna este estudo interessante e intrigante. A observação da reprodução de determinados sentidos, o que é característica da paráfrase, vai nos permitir delinear a análise das matérias sobre a finitude humana no jornalismo televisivo, com foco no Jornal Nacional.

Vamos nos deter, usando como suporte metodológico alguns recursos da AD francesa, no estudo do texto verbal dos locutores de seis edições do Jornal Nacional que foram ao ar no período de 20 a 25 de outubro de 2008⁶. Por opção metodológica, selecionamos os principais sentidos instituídos sobre a morte de Eloá Pimentel, os quais dão a ela uma configuração de espetáculo televisivo, no discurso de todos os locutores⁷ presentes nas matérias sobre o tema nos programas em estudo. Grifamos, no decorrer das frases dos locutores, as marcas de sentidos referentes aos pontos em discussão.

No Jornal Nacional, notícias sobre morte são levadas ao ar indo ao encontro de discussões de Guy Debord (1997) sobre o espetáculo: marcadas pelo caráter repetitivo e tendo foco no seu desenrolar.

Há um foco na demonstração de emoções e a realidade é demonstrada com detalhes “picantes”. Ao tratar do caso Eloá Pimentel, o JN formou um “enredo” para levar ao ar os pontos mais específicos do

6 As edições têm como caso principal a cobertura da morte da adolescente Eloá Pimentel, que foi mantida em cativeiro por mais de cem horas, pelo ex-namorado, Lindemberg Alves, em Santo André – São Paulo, e foi alvejada por ele no desfecho do sequestro, no dia 18 de outubro de 2008.

7 Ducrot (1987, p. 182) diz que o locutor é “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável”. O locutor mostra-se como o “eu” no discurso.

acontecimento. O assunto é tratado como uma espécie de novela. E o público é convidado a acompanhar as cenas dos próximos capítulos. Em alguns momentos, fica visível que a realidade está sendo tratada com diversos “artifícios espetaculares”.

A espetacularização no JN se evidencia na discussão do contraponto entre a vida e a morte. Ao mesmo tempo em que o telejornal se apresenta como espaço para o choro diante da finitude humana, discute os “ganhos” proporcionados por algumas mortes. No caso de Eloá, o JN enfatiza que os seus órgãos proporcionaram mudanças na rotina de várias pessoas.

Repórter Fabio Turci - Ambulâncias levaram os órgãos a vários hospitais de São Paulo, onde os pacientes já estavam sendo preparados. **A vida contra o relógio.**

Repórter Fabio Turci -Por isso a equipe do Incor teve pressa.No fim da madrugada os pulmões de Eloá foram transplantados em uma jovem de 18 anos. Fazia dois anos que ela esperava pela cirurgia.

Repórter Fabio Turci - Na Santa Casa de São Paulo, o fígado foi para uma menina de 12 anos,que tinha um tipo grave de hepatite.

Repórter Fabio Turci - O gesto da família de Eloá pode transformar a vida de outras sete famílias.

Geane Rodrigues Teixeira (prima de transplantada) - Eu agradeço a generosidade, a solidariedade da família de ajudar não só a mim, mas outras pessoas que precisam de órgãos.

Repórter Monalisa Perrone - O rapaz de 25 anos que recebeu um dos rins e o pâncreas de Eloá saiu da mesa de cirurgia no começo da noite desta segunda-feira. **Foram quase oito horas para transplantar os dois órgãos.**

Repórter Monalisa Perrone- Maria Augusta da Silva, que recebeu o coração, passou por um eletrocardiograma agora há pouco e, segundo os médicos, **o funcionamento do coração é muito bom, o que superou todas as expectativas.**

E a sua mãe, Cristina, mostra-se aberta a conhecer os que receberam os órgãos da filha.

Ana Cristina Pimentel (Mãe de Eloá)- Eu quero que ela seja muito feliz e se um dia ela quiser me conhecer, eu estou aqui de braços abertos para recebê-la, assim como os outros que receberam (órgãos de Eloá).

O coração da vítima de Lindemberg foi transplantado em uma paciente no dia em que ela estava fazendo aniversário:

Geane Rodrigues Teixeira (prima de transplantada) - Ela sempre falava, desde o ano passado: “**Deus vai me dar um coração no dia do meu aniversário**”.

Repórter Fabio Turci- O aniversário de 39 anos começou na sala de cirurgia do hospital Beneficência Portuguesa em São Paulo. **De presente, Maria Augusta ganhou a chance de recomeçar a viver, estudar, trabalhar, se casar.**

Os anseios dos envolvidos nos casos de morte são explorados de forma contundente no JN. Os sentimentos são ritualizados. E os detalhes que compõem o cenário onde a morte está inserida são descritos.

Repórter Neide Duarte- Depois tentaram enxergar, através do vidro, o inexplicável da morte. Os amigos de Eloá ficaram juntos, abraçados, como se assim a tragédia pudesse ser menor.

Amiga de Eloá - Nós somos amigos de vida, amigos que nunca sairão de nossas vidas.

Amigo de Eloá - Amigos de infância, amigos de coração.

Repórter Neide Duarte- Depois, cantaram a música preferida de Eloá. Uma música que fala sobre o pouco tempo que a gente tem para todas as coisas da vida.

É interessante ressaltar que não só as emoções de pessoas ligadas às vítimas são demonstradas no JN, mas também as aflições de parentes de criminosos.

Repórter CésarGalvão- Maria Rita Fernandes da Silva, **tia de Lindemberg**, conta que o sobrinho morou até os 12 anos em Cuiabá, com a mãe, faxineira. O pai, paraibano, não reconheceu o filho. **A tia, que ajudou a criar o menino, não se conforma com o sequestro.**

Maria Rita (tia de Lindemberg Alves) - Eu acho que ele errou, era para ele ter se entregado. Não era para ele ter feito isso. Deixava a menina viver.

Vó de Lindemberg Alves - Ele queria casar com ela. Ele dizia para mim: “Vó, estou me arrumando para casar”. Eu não sei que desespero que foi esse.

Um momento que pode ser considerado “marcante” na cobertura do Jornal Nacional ao caso Eloá Pimentel, em termos de exploração das emoções dos envolvidos, ocorreu na edição de 21 de outubro de 2008. Neste dia, em reportagem de José Roberto Bournier, foi dado destaque à mãe da vítima, Ana Cristina, ao lado do caixão da filha, dizendo perdoar o assassino.

Ana Cristina Pimentel (Mãe de Eloá) - Eu consigo perdoar o Lindemberg de todo o meu coração, mas que a justiça seja feita.

Ana Cristina Pimentel (Mãe de Eloá)- A polícia não teve culpa de nada, porque eles lutaram como eu lutei. Eles choraram comigo, como eu chorei. E eu quero agradecer a todos.

Considerações Finais

Após uma análise metódica do discurso de seis edições do Jornal Nacional, fica evidente que o cenário da morte no telejornal tem sua construção abarcada na espetacularização.

Há uma repetição de sentidos. Por mais que mudem os locutores e que as situações se diversifiquem, são utilizados, frequentemente, recursos que levem à maximização de determinados sentidos. Fica claro que há uma demarcação exagerada dos detalhes das “cenas que envolvem a morte”, levando ao apelo emocional do espectador.

Há a evidência de que o espetáculo da morte no telejornalismo está abarcado no seu desenrolar (DEBORD, 1997), no desenvolvimento da história. Toda a cobertura ao caso Eloá Pimentel foi ancorada na teatralidade e na evidência do lado emocional dos “personagens” do episódio. O JN se fixou no destaque ao choro dos parentes, dos amigos e de desconhecidos da adolescente morta. Também salientou pontos como: as multidões que se aglomeraram no enterro; a cor do carro fúnebre que carregou o corpo da adolescente assassinada; a história de vida das pessoas que receberam os seus órgãos. Esse tipo de cobertura evidencia que o jornalismo

está fugindo do seu papel de informar e partindo para a encenação.

Quando falamos da cobertura televisiva a pautas polêmicas e, ao mesmo tempo presentes na sociedade brasileira, como violência e morte, a expectativa quanto aos meios de comunicação é a de que sejam instrumentos de vigilância e tenham seu foco na promoção de valores. Na prática do jornalismo cotidiano, nem sempre os meios atuam como mantenedores de valores; muitas vezes, trabalham assuntos polêmicos de forma a destacar o que eles têm de mais espetacular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- BARBOSA, Marialva. **A morte imaginada**. In: GT Comunicação e Sociabilidade na XIII Compós. UMESP: São Paulo, 2004.
- BENETTI, Márcia. **A ironia como estratégia discursiva da Revista Veja**. In: XVI Encontro Anual dos programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007, Curitiba. Anais. Curitiba: Compós, 2007.
- BERGER, Christa. Do jornalismo: toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica. In: MOUILLAUD, Maurice, PORTO, Sérgio Dayrell (org). **O jornal: Da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- BUCCI, Eugênio. Como a violência na TV alimenta a violência real – da polícia. In: BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre a televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- DASTUR, Françoise. **A morte: ensaio sobre a finitude**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987.
- NODARI, Paulo César. Breves considerações filosóficas acerca da morte. In BRUSTOLIN, Leomar Antonio (org). **Morte: uma abordagem para a vida**. Porto Alegre: EST Edições, 2007.
- ORLANDI, Eni. **Discurso e texto**. Campinas: Pontes, 2001a.
- ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas: Pontes, 2001b.
- RODRIGUES, José Carlos. **Tabu da morte**. Edições Achiamé Ltda: Rio de Janeiro, 1983.
- SIMMEL, George. A metafísica da morte. Trad. Simone Carneiro Maldonado. **Política & Trabalho**, ano 14, n. 14, João Pessoa, PPGS-UFPB. Setembro 1998, pp. 177-182.